

# O que há de social na configuração e no funcionamento das emoções?

**HARRIS, Scott R.** *An invitation to the sociology of emotions*. 2. ed. New York: Routledge, 2024. 128 p.

**Fábio Luiz Nunes<sup>1\*</sup>** 

## Resumo

Este manuscrito revisa a segunda edição da obra *An invitation to the sociology of emotions*, lançada pela editora Routledge durante o ano de 2024. Escrito pelo pesquisador estadunidense Scott R. Harris, o livro trata as emoções enquanto fenômenos construídos socialmente e articulados sob bases culturais. A publicação desvincula os sentimentos de determinações puramente fisiológicas, situando o debate no campo interacional. Introduzem-se categorias sociológicas para um público novato com significativa solidez acadêmica, o que é desafiador considerando seu caráter propedêutico. A leitura discute as normas emocionais, compreendidas como expectativas reguladoras dos afetos adequados a diferentes interações sociais. Descrevem-se estratégias focadas no controle interpessoal, distinguindo a atuação superficial da atuação profunda. A gestão remunerada dos sentimentos no interior de ambientes profissionais contemporâneos possui bastante destaque na argumentação teórica sobre o trabalho emocional. A teoria da troca fundamenta a análise das transações humanas, postulando que os indivíduos calculam perdas e ganhos afetivos. O processo interpretativo de rotulação recebe atenção pela complexidade originada na ambiguidade corporal e na simultaneidade sensível. A sistematização de conceitos centrais facilita a compreensão das complexidades empíricas registradas em pesquisas avançadas. A obra constrói conexões entre princípios basilares e variações estruturais e assegura a reprodução disciplinar ao formar novos pesquisadores para investigações futuras nos estudos sociológicos das emoções.

**Palavras-chave:** sociologia das emoções, normas emocionais, gestão emocional, cultura afetiva, sentimentos fabricados.

<sup>1</sup>Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Biblioteca Universitária, Belo Horizonte, MG, Brasil.

\*Correspondência: fabio.nunes.fln@cefetmg.br

## ***What is social about the shaping and functioning of emotions?***

### ***Abstract***

This manuscript examines the second edition of *An invitation to the sociology of emotions*, published by Routledge in 2024. Written by the American researcher Scott R. Harris, the book approaches emotions as socially constructed phenomena articulated on cultural grounds. The publication disentangles feelings from purely physiological determinations and situates the debate within the interactional field. Sociological categories are introduced for an audience new to the topic while maintaining substantial academic rigor, a notable challenge given the work's introductory character. The text addresses emotional norms conceived as regulatory expectations that prescribe appropriate affects across different social interactions. Strategies oriented toward interpersonal control are described, distinguishing surface acting from deep acting. The remunerated management of feelings within contemporary professional settings receives prominent emphasis in the theoretical discussion of emotional labor. Exchange theory underpins the analysis of human transactions, positing that individuals calculate affective costs and benefits. The interpretive process of labeling is examined in view of the complexity that originates from bodily ambiguity and sensory simultaneity. The systematization of central concepts facilitates comprehension of empirical complexities documented in advanced research. The work forges connections between foundational principles and structural variations, and it contributes to disciplinary reproduction by preparing new researchers for future investigations in the sociological study of emotions.

**Keywords:** sociology of emotions, emotional norms, emotional management, affective culture, manufactured feelings.

A compreensão das emoções como fenômenos socialmente construídos e culturalmente articulados, em detrimento de uma visão que as circunscreve a impulsos puramente biológicos, funda uma das mais relevantes premissas nas ciências sociais contemporâneas. Para além da literatura não lusófona, é importante destacar que essa visão encontra sustentação em investigações sociológicas brasileiras, como em Rezende (2011), e em estudos antropológicos portugueses, a exemplo de Pina-Cabral (2004), os quais demonstram de que forma as experiências afetivas são mediadas por códigos e práticas coletivas. Nesse quadro bibliográfico, insere-se a segunda edição de *An invitation to the sociology of emotions*, de Scott R. Harris, obra publicada pela editora Routledge em 2024. O volume atualiza e expande a versão original, lançada em 2015, mantendo seu propósito de servir como um guia acessível para o campo, dirigido a um público neófito, mas com o rigor conceitual esperado de uma produção acadêmica.

Harris é professor de sociologia na Saint Louis University (Missouri, Estados Unidos da América) e pesquisador com densa trajetória acadêmica e editorial. A atuação pregressa como editor-chefe dos periódicos *Symbolic Interaction* e *Sociology Compass* atesta a posição central de Harris nos debates do campo das emoções. Ademais, sua produção intelectual inclui obras que examinam métodos de pesquisa em ciências sociais, como *How to critique journal articles in the social sciences* (2014), e temas substantivos do interacionismo simbólico, a exemplo de *The social self and everyday life* (2019), em coautoria com Kathy Charmaz e Leslie Irvine; e *Stargazing: celebrity, fame, and social interaction* (2011), em parceria com Kerry Ferris. A bagagem teórica e metodológica do autor atravessa a estrutura da obra resenhada, que se beneficia de uma abordagem clara e sistemática para apresentar os conceitos fundamentais da sociologia das emoções.

No primeiro capítulo, “Thinking sociologically about emotions”, Harris (2024) desconstrói alguns pressupostos que dificultam a análise sociológica dos sentimentos.

De início, o autor argumenta contra a ideia de que as emoções seriam triviais, demonstrando sua pervasividade e conexão com questões sociais importantes, como desemprego e criminalidade. Em seguida, o texto questiona a concepção das emoções como fenômenos exclusivamente biológicos, de modo a destacar a dimensão social que as configura. O ponto de vista de Harris, embora relevante, não é exatamente novidade nos estudos sociológicos, posto que dialoga com a premissa de que as emoções são, em sua totalidade, fenômenos sociais, não podendo ser reduzidas a estados puramente psicológicos ou fisiológicos (McCarthy, 1989). Em todo caso, a discussão inicial de Harris estabelece as bases para uma compreensão dos sentimentos como elementos socialmente construídos e regulados.

O autor estadunidense prossegue desconstruindo a noção das emoções como automáticas, inevitáveis e irracionais, introduzindo a agência humana em sua gestão e expressão. O autor também desafia a visão de que os sentimentos constituiriam experiências puramente privadas e indescritíveis, apontando para as formas públicas e vocabulares através das quais eles são comunicados e monitorados. Ao final do capítulo, Harris posiciona a sociologia enquanto disciplina de contribuições singulares para o estudo das emoções, distinguindo-a da psicologia por seu foco nos fatores sociais que influenciam a experiência humana.

Em “Emotion norms”, o capítulo seguinte, Harris apresenta o conceito de normas emocionais, as quais, para ele, seriam expectativas culturais que governam os sentimentos apropriados a situações específicas. Tais normas são descritas como geralmente invisíveis até o momento de sua transgressão, quando sanções formais ou informais são aplicadas por outros ou pelo próprio indivíduo. A violação dessas regras pode acarretar desde desaprovação social até consequências econômicas, o que exemplificaria o poder coercitivo que elas exercem sobre o comportamento individual. As normas emocionais funcionam como um roteiro cultural que orienta a experiência e a expressão afetiva dos sujeitos em seus contextos de interação.

A aprendizagem dessas normas, afirma Harris, dá-se por socialização direta e indireta, e sua aplicação varia temporal e culturalmente. A sociologia tem se dedicado a compreender como a cultura estabelece os parâmetros sobre o quê, quando e como se deve sentir (Bericat, 2016), com distinções normativas claras entre diferentes esferas da vida, como o ambiente de trabalho e o doméstico (Lively; Weed, 2014). Nessa direção, Harris também discute como as normas emocionais podem ser ambíguas, conflitantes e utilizadas para perpetuar desigualdades de gênero, raça e classe. O capítulo finaliza com a identificação de cinco formas de desvio emocional: tipo, intensidade, duração, momento (*timing*) e local (*placing*) inadequados da emoção.

“Emotion management” é o terceiro capítulo dessa obra, no qual se investigam as estratégias interacionais para o controle das emoções. A discussão parte da distinção clássica entre atuação superficial (*surface acting*), que consiste na gestão da aparência externa dos sentimentos, e atuação profunda (*deep acting*), que busca modificar a experiência interna. A propósito, a diferenciação que Harris opera entre a atuação superficial e a atuação profunda é basilar para os estudos sociológicos da gestão emocional (Lively; Weed, 2014). Harris detalha, então, cinco técnicas de atuação superficial: o uso de palavras, o tom de voz, as expressões faciais, os gestos corporais e o vestuário, cada qual servindo para manipular a maneira como as emoções são percebidas pelos outros.

As estratégias de atuação profunda, por sua vez, visam modificar os sentimentos internos e são categorizadas por Harris em três tipos: corporal, expressivo e cognitivo. A atuação profunda corporal foca na alteração da excitação física; a expressiva faz uso da manifestação externa para gerar um estado interno correspondente; e a cognitiva, a mais analisada sociologicamente, envolve a mudança de pensamentos para alterar as emoções. A gestão emocional, portanto, não se restringe ao indivíduo, podendo ser um processo interpessoal e colaborativo, como sustentam Lively e Weed (2014). O autor resenhado conclui a exposição dessa seção ao examinar a questão da honestidade na gestão emocional, ponderando sobre a complexidade de distinguir “sentimentos autênticos” de “sentimentos fabricados”.

No capítulo quatro, intitulado “Exchanging emotions”, Harris aplica a chamada *teoria da troca* para compreender as dinâmicas emocionais, tratando os indivíduos como “hedonistas racionais” que realizam cálculos de custo-benefício em suas interações. Trata-se de uma das correntes teóricas consolidadas no campo, postulando que as trocas sociais ocasionam resultados emocionais (Turner, 2009). Harris evidencia como as percepções de justiça e injustiça nas transações sociais provocam sentimentos como raiva, culpa ou satisfação. Para mitigar uma visão estritamente utilitarista, o autor introduz as três lógicas de troca de C. Clark: *complementaridade* (obrigações de papel), *beneficência* (altruísmo) e *reciprocidade* (expectativa de retorno), por meio do que se argumenta que os indivíduos podem operar a partir de uma combinação dessas lógicas.

“Emotional labor”, o capítulo seguinte, define o trabalho emocional como a gestão remunerada dos sentimentos no ambiente profissional, uma extensão do conceito de gestão emocional para a esfera do trabalho. A distinção fundamental é que o trabalho emocional possui um “valor pago” e se manifesta na esfera pública (Lively; Weed, 2014). Harris apresenta ao leitor quatro mecanismos pelos quais os empregadores influenciam o trabalho emocional dos funcionários: o processo de contratação; o treinamento (com instruções para atuação superficial e profunda); o monitoramento do desempenho; e a publicidade, que eleva as expectativas dos clientes. A análise do autor exemplifica, assim, a importância dos determinantes estruturais e culturais na regulação dos sentimentos, em especial no contexto do trabalho, um ponto de desenvolvimento para a sociologia das emoções (Stets, 2010).

Harris também identifica a existência de uma distribuição desigual do trabalho emocional, postulando que ele é mais intenso e frequente para trabalhadores com base em seu gênero, raça e *status*. Essa distribuição desigual no nível organizacional se conecta com as teorias da estratificação, que entendem ser desproporcional a alocação de recursos emocionais positivos e negativos entre diferentes classes e grupos sociais (Turner, 2009).

Harris discute as consequências do trabalho emocional para os trabalhadores, que podem ser negativas, como o esgotamento (*burnout*) e a ambivalência, ou positivas, como o desenvolvimento de habilidades e a obtenção de “salários morais”. Apontam-se ainda fatores que podem atenuar os aspectos árduos do trabalho emocional, como a afinidade com a função e o prestígio ocupacional.

No capítulo seis, “Identifying emotions”, descreve-se o processo de rotulação das emoções como algo muito mais complexo do que a noção comum de “sentir o que se sente”. A partir de exemplos cotidianos, como o caso do encontro com um urso, Harris mostra que sensações fisiológicas idênticas podem corresponder a emoções distintas, o que exige das pessoas um trabalho interpretativo para estabelecer a diferença entre medo, excitação ou raiva. Esse percurso de identificação envolve quatro obstáculos principais: a ambiguidade corporal, a simultaneidade de múltiplos sentimentos, a ausência de instrumentos precisos de mensuração emocional e a baixa intensidade de algumas emoções, fatores que Turner (2009) já apontava como parte do desafio de definir emoções de forma satisfatória. Bericat (2016) acrescenta elementos a essa visão ao lembrar que as emoções são fenômenos tanto individuais quanto profundamente enraizados em complexas dinâmicas sociais, o que amplia o escopo e a variabilidade dos universos afetivos. Por sua vez, Vishkin e Tamir (2023) afirmam que as normas emocionais, regulando tanto a experiência quanto a expressão dos afetos, possuem características únicas em cada cultura.

Na segunda parte de “Identifying emotions”, o autor explora sete fatores sociais que orientam esse processo de rotulação: vocabulários culturais, metáforas, enquadramentos situacionais, gerenciamento de impressões, identificação interpessoal, influências tecnológicas e relações com o trabalho emocional. Harris demonstra que línguas diferentes oferecem conjuntos distintos de termos, que podem variar das poucas palavras emocionais dos Chewong até as centenas de lexemas do inglês.

Ele também aponta como metáforas de calor, pressão ou luminosidade dão forma a nosso entendimento afetivo. Segundo Bericat (2016), vocabulários e regras de expressão são parte integrante das “culturas emocionais” que diferenciam grupos e épocas; já Turner (2009) observa que tanto a cognição quanto a fisiologia humana participam de um ciclo dinâmico de avaliação e reação emocional. Por fim, Vishkin e Tamir (2023) destacam que, apesar de as normas sociais comuns influenciarem comportamentos, as normas emocionais podem variar em conteúdo e intensidade de modo muito particular, levantando questões sobre a universalidade das emoções.

O último capítulo, “Why study the sociology of emotions?”, retoma os principais objetivos apresentados ao longo da obra e enumera algumas razões para dedicar-se a esse campo. Harris defende que a sociologia das emoções oferece ferramentas para (i) diagnosticar normas emocionais; (ii) compreender estratégias de atuação superficial e profunda; (iii) conectar temas diversos, das relações de gênero ao trabalho; e (iv) aprimorar habilidades interpessoais e profissionais mediante um olhar crítico sobre as reações afetivas. Nesse ponto, Bericat (2016) reforça que emoções atuam tanto como fenômenos sociais quanto como processos estruturantes da vida coletiva, e Turner (2009) lembra que abordagens teóricas variadas têm convergido na importância de integrar aspectos biológicos e culturais. Vishkin e Tamir (2023), complementando as ideias de Harris, sugerem que as normas emocionais, por serem distintas das normas comportamentais convencionais, são objetos relevantes para pesquisas que exploram tanto as semelhanças quanto as divergências culturais na experiência afetiva.

Uma leitura geral da obra de Harris é capaz de evidenciar sua principal contribuição: apresentar a sociologia das emoções de forma clara e acessível para um público iniciante. Essa escolha metodológica, todavia, a coloca em um plano distinto das discussões epistemológicas mais radicais que fundamentam o campo. McCarthy (1989), por exemplo, propõe uma visada sociológica autônoma que concebe as emoções integralmente como fenômenos sociais, criticando a tendência disciplinar de tratá-las como estados psicofisiológicos com meros correlatos socioculturais (McCarthy, 1989).

Em vista disso, a simplificação operada por Harris não representa uma falha teórica, senão uma estratégia pedagógica deliberada e necessária, dado o seu objetivo propedêutico. A introdução ao campo por meio dos debates teóricos de alta complexidade, como os propostos por McCarthy (1989), seria, no ver deste resenhista, algo contraproducente. Portanto, a obra estabelece uma base conceitual sólida sem sobrecarregar o leitor, uma decisão que demonstra notável acuidade pedagógica.

O tratamento conferido a conceitos centrais, como o de trabalho emocional, exhibe a capacidade do livro de servir de alicerce para investigações mais aprofundadas. Harris sistematiza o conceito de maneira a torná-lo compreensível, o que é um pré-requisito para o entendimento das complexidades empíricas documentadas na literatura especializada. Nesse sentido, a pesquisa de Wharton (1999) identifica que as consequências do trabalho emocional são altamente contingentes e não uniformemente negativas; trabalhadores em funções que demandam tal labor podem, em certas condições, reportar maior satisfação profissional do que outros. Essa aparente contradição só pode ser devidamente compreendida por um estudante que já possui uma definição estável do fenômeno, exatamente o que Harris propicia. A obra, dessa maneira, desenvolve uma ponte entre a conceituação fundamental, que situa as emoções como “coisas sociais” publicamente gerenciadas (McCarthy, 1989), e a análise das variações empíricas que caracterizam a pesquisa avançada (Wharton, 1999).

Em última análise, o mérito de Harris vai além de seu conteúdo para se manifestar em sua função de assegurar a continuidade e o crescimento futuro do campo. À medida que busca acender o interesse dos estudantes, o livro cumpre um papel determinante na reprodução disciplinar. Esses futuros acadêmicos estarão aptos a enfrentar as agendas de pesquisa avançadas, que demandam investigações sobre macroestruturas, sobre as correlações com a dimensão psicobiológica e sobre a dinâmica dos fluxos emocionais (Stets, 2010). A obra garante que o diálogo acadêmico terá novos e qualificados participantes. Desse modo, o trabalho se estabelece como um texto introdutório de qualidade para estudantes e graduados em ciências sociais, psicologia e ciências afins.

## Referências

1. BERICAT, Eduardo. The sociology of emotions: four decades of progress. **Current Sociology**, v. 64, n. 3, p. 491-513, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/0011392115588355>.
2. HARRIS, Scott R. **An invitation to the sociology of emotions**. 2. ed. New York: Routledge, 2024.
3. LIVELY, Kathryn J.; WEED, Emi A. Emotion management: sociological insight into what, how, why, and to what end? **Emotion Review**, v. 6, n. 3, p. 202-207, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/1754073914522864>.
4. MCCARTHY, E. Doyle. Emotions are social things: an essay in the sociology of emotions. In: FRANKS, David D.; MCCARTHY, E. Doyle (ed.). **The sociology of emotions: original essays and research papers**. Greenwich: JAI Press Inc., 1989. p. 51-72.
5. PINA-CABRAL, João. **O homem na família: cinco ensaios de antropologia**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.
6. REZENDE, Claudia Barcellos. **A trama das emoções: uma perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
7. STETS, Jan E. Future directions in the sociology of emotions. **Emotion Review**, v. 2, n. 3, p. 265-268, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/1754073910361975>.
8. TURNER, Jonathan H. The sociology of emotions: basic theoretical arguments. **Emotion Review**, v. 1, n. 4, p. 340-354, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/1754073909338305>.
9. VISHKIN, Allon; TAMIR, Maya. Emotion norms are unique. **Affective Science**, v. 4, n. 3, p. 453-457, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s42761-023-00188-z>. PMID:37744983.
10. WHARTON, A. S. The psychosocial consequences of emotional labor. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 561, n. 1, p. 158-176, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1177/000271629956100111>.

---

**Fonte de financiamento:** Nenhuma.

**Conflito de interesses:** Nenhum.

**Contribuição dos Autores:** O primeiro autor desempenhou todas as funções.

**Disponibilidade de Dados:** Não foi utilizado nenhum dado de pesquisa.

**Uso de tecnologia assistida por inteligência artificial:** O autor declara que nenhuma ferramenta de inteligência artificial foi utilizada na pesquisa aqui relatada ou na preparação desta resenha.

**Editor:** Julio Souto Salom (UFBA, Brasil).

---

**Fábio Luiz Nunes** é mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. [fabio.nunes.fln@cefetmg.br](mailto:fabio.nunes.fln@cefetmg.br)

Recebido: 16 mar. 2026.

Aceito: 25 ago. 2026.